



## MEMÓRIAS DE MILITANTES DA ORM-POLOP ENTRE 1960 -1970 EM SALVADOR/BA.

Gabriel Antonio Pereira Santos<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

A pesquisa refere-se à Organização Revolucionária Marxista Política Operária (ORM - POLOP), pioneira no âmbito dos debates de esquerda no Brasil, antes mesmo do Golpe Civil-Militar, a PO como é chamada carinhosamente pelos ex-militantes, se posicionou como oposição ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), nos idos de 1961, haja visto que seus militantes não aceitavam a postura Paternalista – Stalinista exercida pelo “partidão” como era chamado o (PCB) na época.

O recorte histórico corresponde às décadas de 1960 - 1970, período em que a história do Brasil recente foi manchada de intolerância, o processo transcorre seguindo a trajetória de um sujeito o, Alfredo Costa Cunha, com seu dramático relato inicio as ramificações da pesquisa criando, portanto, um mosaico da organização. Por que Alfredo inicia o curso da pesquisa? Porque a história de vida dele tem ligação com a (ORM-POLOP), e com os subterrâneos da ditadura, as torturas, pois seu pai era militante da PO e teve sua casa invadida pela repressão em casa, no subúrbio ferroviário de Salvador, de maneira que lá funcionava uma Célula Operária da organização.

O espaço geográfico do trabalho se restringi a cidade de Salvador, porém isso não quer dizer que não investigarei outros lugares, pois sabe-se que o tempo histórico é dialético e não linear; os relatos seguem formando categorias na pesquisa , como por exemplo: Movimento Universitário, Movimento Secundaristas, Células Operárias, Tortura, Ala Feminina, Projeto Político e a Fundação do Partido dos Trabalhadores (PT).

Meu interesse pelo tema é fácil de ser explicado, no primeiro semestre de 2008, iniciei meus estudos sobre o assunto. O livro Brasil: Nunca Mais (1985, ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO)<sup>1</sup> direcionou decisivamente meu interesse pela Ditadura Militar, já que passei a saber o que fazer na academia referente a uma futura investigação acadêmico.

Depois da análise da obra comecei a caminhar em busca de fontes, conheci o Grupo Tortura Nunca Mais, (GTNM) que é um órgão de luta dos Direitos Humanos no Brasil desde a época da Anistia, na minha primeira visita me apresentaram o dossiê de Alfredo Costa Cunha, que quando preso, sofreu bárbaras torturas com seus pais. Alfredo entrou na história, porque seu pai era militante da Organização Revolucionária Marxista-Política Operária (ORM-POLOP), que foi jogada na clandestinidade depois do Golpe Civil-Militar de 1964.

### PROJETO

O projeto de pesquisa se situa num campo de batalhas onde estão em questões político/ideológicas que se encontram nas complexas relações sociais produzidas pelas relações de poder

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica do Salvador – UCSal. Orientador – Prof. Sérgio Armando Diniz Guerra.



proveniente da atuação da Organização Revolucionária Marxista - Política Operária (ORM – Polop), em Salvador / Bahia. Tudo acontece a partir da prisão de um velho militante que teve sua esposa e filho torturado daí levantarei as memórias da PO em Salvador.

## **OBJETO**

Procuo produzir explicações sobre a complexidade das relações oriundas das múltiplas participações que se apresentam no tema, bem como contribuir para a história das esquerdas que se constroem orientando ações políticas e ideológicas que mediam a resistência contra o Regime Militar.

## **O FOCO CENTRAL**

Pesquisar as experiências de vida dos militantes da (ORM – Polop), de Salvador identificando as formas de construção e reconstrução de suas vidas nas diferentes temporalidades vividas por eles num campo de batalhas em que eles reagiram.

Nas formas de construção e reconstrução da vida dos militantes, pretendo pesquisar a noção de experiência com um viés político/ideológico contrapondo suas ações as ações da Ditadura Militar, de forma que seja possível perceber as identidades que surgem da experiência e que terçam os sujeitos ao sistema imposto criando ações políticas – ideológicas.

## **CATEGORIAS QUE AMPLIAM O TRABALHO**

A noção de ideologia política pressupõe que os problemas colocados pelos militantes refletem como agiam durante este período, como se comportavam e como as tarefas estavam sedimentadas sobre uma teoria e uma ideologia. Essas são as categorias político - ideológica que irei trabalhar.

As relações sociais vividas serão pensadas a partir das experiências que se desencadeiam em dois momentos, durante a repressão até a fundação do Partido dos Trabalhadores, a partir do Ato Institucional N° 5 até as greves do ABC e a liberação da militância polopista para adesão do partido, durante esta trajetória alegrias e tristezas foram vividas o que torna sensível a investigação desses sujeitos.

A noção de resistência é pensada não só nas formas de ação localizada e coletiva, mas, também nas individuais que se manifestam em ações isoladas e pouco conhecida pela sociedade; as relações de poder em sua forma ambígua, marcada pela submissão e pela revolta, como pelo conformismo e pela resistência.

Concluindo, a divisão de temas relacionados como por exemplo: Organizações de Esquerda, Movimento Estudantil, Segurança Nacional, Tortura, Ideologia (Linha Teórica Marxista-Leninista), Guerra Fria, Futebol e Política, entre outras categorias que as fontes oferecem para serem trabalhadas.



## A ABORDAGEM

A abordagem está voltada para os aspectos políticos – sociais e para a participação dos militantes dentro de um campo de batalhas que nos leva a investigar a subjetividade de suas condições da época ( o que eles sonhavam) e as representações que eles construíam dentro desse processo ( campo ideológico da época).

## FONTES

Depoimentos orais para conhecer de perto a vida de cada militante valorizando suas experiências, documentos do Ministério da Justiça, revistas de grande circulação da época e atuais, jornais da época, artigos de militantes da organização e revistas da organização.

## SOBRE AS FONTES ORAIS

A primeira entrevista aconteceu no dia 22 de julho de 2008 e a segunda no dia seguinte, foi a partir destes depoimentos gravados que entrei em contato com aquele universo, conhecendo de perto a triste realidade da tortura e me apaixonado pela tradição, teoria e importância da (ORM-POLOP) no cenário das esquerdas daquela época.

Depois de Alfredo busquei novos contatos da organização em Salvador Bahia, a partir daí encontrei um ex-militante, importante para a investigação, apresentado pelo Professor Doutor Sérgio Armando Diniz Guerra. Orlando Miranda, além de possuir conhecimento do “caso Alfredo”, é um memorialista e se disponibilizou para contribuir com o trabalho. Miranda, iniciou sua militância no Movimento Estudantil da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) na década de 1960 e tornou-se para mim uma espécie de conselheiro, de maneira que está ajudando bastante para<sup>2</sup> concretização deste trabalho.

O velho militante sensibilizou-se com a pesquisa, de modo que abriu as portas de sua casa apresentando dois companheiros, também, indispensáveis para a monografia. A primeira entrevista do dia 13 de dezembro de 2008, com o Moacir Silva, cujo pseudônimo era Silvio foi preso junto com o Alfredo Costa Cunha, só que conseguiu uma fuga cinematográfica da prisão, pois, abriu a algema com um clipe pulando da janela, no primeiro andar da prisão, encima de uma viatura da polícia. Moacir Silva era estudante de jornalismo da (UFBA) participava de uma Célula Operária em Periperi, subúrbio ferroviário de Salvador, na casa do pai de Alfredo.

O pai de Alfredo era um antigo militante do (PCB) Walter Luna Cunha, mais conhecido como Levi ou Wava, por isso, quando caíram, a polícia política armou uma enrascada para que o inexperiente garoto entregasse o Moacir Silva, o Silvio, na entrevista o mesmo relata esses detalhes.

A segunda entrevista do dia foi inesperada, pois, Carlos Tibúrcio, que escreveu junto com Nilmário Miranda, ex-militantes da (ORM-POLOP) um dos clássicos do tema o livro: Dos Filhos Deste Solo; quando estava chegando no aeroporto de Salvador avisou para Moacir Silva, sua chegada para a Cúpula dos Presidentes da América Latina, já que faz parte do Governo Federal. Carlos Tibúrcio, na época era uma forte liderança do Movimento Estudantil da Faculdade de Física (UFBA) na década de 1960. Gentilmente me concedeu um depoimento

---

<sup>2</sup> Ler o anexo de Orlando Miranda no livro de Emiliano José, Lembranças do Mar Cinzento, Terceira Parte, Victor Meyer Um Revolucionário.



emocionado numa mesa redonda cercada de companheiros entre eles o Moacir Silva, Tânia Miranda e Maria, representando as mulheres e Orlando Miranda todos ex-combatentes da Ditadura.

A Quinta entrevista foi com um experiente militante de esquerda que tinha grande destaque na direção na organização, o Pery Falcón. Pery, era liderança no movimento universitário de Salvador, sua família tinha relevância perante o grupo, pois todos seus irmãos participaram dele, por fim Pery relatou como foi sua militância e a participação de sua família na PO.

Referente a outras entrevistas já tenho em vista mais quatro pessoas que são elas: Gustavo Fálcon do Movimento Organização e Luta (MOL), movimento secundarista, hoje professor de sociologia da UFBA, Yara Falcón movimento universitário que atualmente escreveu o livro A Ditadura que eu Vivi, Jorge Nóvoa militante do MOL e atual professor de sociologia da UFBA e Tânia Miranda também ex-militante do MOL para fortalecer a ala feminina.

Por fim, na futura pesquisa apontarei opiniões de pessoas que tiveram contato com a PO, para que desta forma construir um mosaico de informações cedidas por indivíduos que respiraram os ares da época, contribuindo, portanto, para a memória das esquerdas em Salvador / Bahia.

## **DIÁLOGO COM A BIBLIOGRAFIA**

O primeiro texto aqui aborda foi retirado de uma revista acadêmica na internet, o artigo escrito por ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Por uma história da esquerda brasileira. Disponível em <http://www.ppghis.ifcs.ufrrj.br/media/topoi5a14.pdf> . Acesso em: 02/12/2008.

Neste artigo ARAÚJO propõe uma história da esquerda no Brasil; o ponto que ela parte referente-se a produção historiográfica brasileira após o Golpe Civil-Militar, entre os assuntos estão: sistema repressivo, organizações de esquerda e luta armada a idéia do texto analisa esses temas com um olhar de dentro, ou seja, uma visão de uma militante que viveu aqueles dias; para constituir essa historiografia, ARAÚJO, se inspira na Escola Marxista Inglesa.

O trabalho é bastante rico, a autora inicia o texto fazendo reflexões sobre como uma historiadora apaixonada por um tema pode escrever sobre ele? ARAÚJO ressalta que durante sua pesquisa de Doutorado se perguntou sobre isso, como uma pessoa apaixonada por um tema possui condições de escrever sobre o mesmo? Segundo ela as respostas só chegaram depois de entrar em contato com a Escola Marxista Inglesa.

Tomando como referência os historiadores que constituem esta escola, ARAÚJO recebeu as respostas que tanto a incomodava percebendo, portanto, as possibilidades de pesquisar sem esconder suas bandeiras de luta e foi isso que fez. No decorrer do artigo ela, também aborda os outros mecanismos de suporte da pesquisa como a História do Tempo Presente, História oral e a História da Política Renovada.

Este trabalho é de grande importância para futura pesquisa, já que pretendo investigar sobre a história de uma organização de esquerda que até os dias atuais repercute através de produções de seus ilustres ex-militantes que hoje atuam nos campos da: História, Sociologia, Política etc.

Devo ressaltar que assim como a autora, também me perguntei no início da pesquisa como um militante poderia escrever sobre um tema que tanto gosta e admira? Porém após a leitura desse texto me situei em termos metodológicos achando desta forma justificativas para nortear o trabalho.



Pela densidade de informações, abordarei apenas dois historiadores citados por ela que são o Eric Hobsbawm e E.P. Thompson. Eric Hobsbawm foi trabalhado, de modo intenso a historiadora apontou a contribuição do mesmo para os movimentos esquerdistas durante suas produções. E.P.Thompson, também explorado, no que se refere a idéia renovadora de classes sociais, para ARAÚJO

Mas os autores mais importantes da Escola Marxista Inglesa são, efetivamente, Eric Hobsbawm e E.P.Thompson. E baseado neles que muitos dos atuais alunos do curso de História desenvolvem suas pesquisas sobre os trabalhadores e sobre movimentos políticos de contestação (sobretudo de origem marxista), mesmo no Brasil. (ARAÚJO, 2004:336).

Então, com a leitura desses dois historiadores, ligarei o fio condutor apontando as participações de indivíduos durante o período que pretendo abordar, de maneira que com este suporte teórico a futura atividade receberá subsídios apontar como se deram essas experiências, por fim, o estudo sobre ARAÚJO foi válido e enriquecedor, pois pude conhecer como se usa as teorias as teorias abordadas.

O segundo texto do trabalhado é de BORGES, Nilson. A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares, em FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de Almeida Neves organizadores (Org). O Brasil Republicano. O tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais. Ied Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp 14-41). Neste livro usarei um artigo de BORGES Nilson; A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares.

A Doutrina de Segurança Nacional, guiava as ações dos grupos repressivos no Brasil, suplícios como a tortura foram nomeados como métodos investigativos, após o Golpe Civil-Militar de 1964, o organismo governamental tomou dimensões centrais no país, haja visto que antes do Golpe a Doutrina apenas arbitrava no campo da Segurança Externa servindo aos civis, com a derrubada do presidente eleito João Goulart passou a servir, apenas, as investidas militares.

Os golpistas se apoderam do mecanismo para instaurar o pânico social a Segurança Nacional, combatia exclusivamente os inimigos da nação. E quem eram os inimigos da nação? Obviamente os militantes de esquerda, que eram denominados de terroristas e subversivos; pós 1964, os considerados grupos de risco, ameaçavam subverter as “A Revolução” e por isso era preciso combatê-los, o então poder vigente armou-se criando um Estado repressivo, a partir daí um sentimento anti-comunista espalhou-se pelo país.

Segundo BORGES isso se deu, porque No Brasil os militares possuem a característica de Salvador da Pátria durante todo curso histórico, sendo assim, a população construiu uma imagem heróica deles, de modo que quando usurparam o poder foram considerados aptos para dirigi-lo, segundo Borges isso decorre dos anteriores Golpes provocados por eles, em BORGES

Como consequência das constantes intervenções das Forças Armadas, criou-se uma cultura militar no Brasil. A idéia, por exemplo, do destino manifesto do militar foi motivada pela formação profissional desenvolvida na instituição de que a compete a missão providencial de salvar a pátria (...) (BORGES, 2003:18).

No Brasil os militares receberam o caráter de mantenedores da honestidade e moral tanto que uma das desculpas usadas por eles dizia respeito à corrupção e o risco comunista que ameaçava os conceitos da moralidade judaico-cristã. O discurso contra os políticos dominava, ou seja, a classe parlamentar sofreu um violento processo de desqualificação social, desta maneira os militares repassaram a imagem do homem de bem que estava ali para manter a ordem.



O clima da fervorosa Guerra Fria não era conciliador, o Brasil estava encabeçado nesta realidade, a bipolaridade era forte, o mundo estava dividido em duas antagônicas partes: capitalista comandada pelos Estados Unidos da América (UEA) e a socialista comandada pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ou seja, a guerra ideológica torneava a realidade desses tempos.

O medo dos militares e da burguesia brasileira ia além, pois, na América Latina, uma Revolução tornou-se referência para os países vizinhos, Cuba, uma Ilha localizada territorialmente ao lado da maior potência capitalista os (EUA) tinha conquistado sua emancipação derrotando o então império norte-americano em 1959.

Devido, principalmente, a este fato que sacudiu o continente, setores conservadores Militares, Burguesia, Classe Média e Igreja passaram a articular maneiras para manterem-se no poder, então apelaram para um Repressivo tendo como apoio a Doutrina de Segurança Nacional, para BORGES

Nesta concepção belicista do processo social, a geopolítica se superpõe a ciência política e a política é absorvida pela estratégia militar. Toda a política nacional, portanto, é reorientada em função da segurança, sendo que as esferas militares e política são indissolivelmente ligadas, de maneira que a política deixa de ser uma arte civil para se transformar em arte militar. (BORGES, 2003:28)<sup>3</sup>

Com a tomada do poder, as Forças Armadas, instaurou o terror na sociedade brasileira, criou um temor coletivo privando o povo de direitos civis básicos, todos eram suspeitos, comunistas ou não viviam assustados, a liberdade sufocou-se em baixo das ordenações da Segurança Nacional.

A Ditadura Militar promoveu cinco atos institucionais, analisaremos aqui o AI-5 que foi o ultimo e o mais repressor deles. Até o AI-5 quatro atos foram impostos para a sociedade entre eles o AI-1 que expulsou diversos políticos opositores, o AI-2 acabou o pluripartidarismo e deixou o presidente, General Castelo Branco, para fazer o que quisesse. O ultimo e tenebroso ato, o AI-5, constituído em 13 de dezembro de 1968, impões o medo, literalmente, todos que no Brasil habitavam, levando em conta BORGES

(...) sob a égide do AI-5 e com o General Médici na presidência da República, a dinâmica do regime será a violência, mediante a articulação dos diversos aparatos repressivos disponíveis e a serviço do terrorismo estatal. (BORGES,2003:40)

Em fim, depois do AI-5, nada era justo no Brasil, os que lutavam contra o Regime Militar, foram combatidos sem pudor sendo terrivelmente torturados, a tal honra militar jorrava junto com o sangue de militantes que não eram heróis, mas, sim seres humanos conscientes de seu papel social querendo, portanto, mudar a conjuntura que estavam inseridos, com o nascimento deste ato se abortou a esperança de uma nova realidade brasileira.

Referente à tortura no Brasil durante a ditadura abordarei um pequeno artigo de JOFFILY, Mariana. Os homens do porão. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 3, Nº27, pp70 – 73, dezembro 2007.

A autora descreve no texto como agiam os principais órgão repressores, Operação Bandeirantes (Oban) e Destacamento de Operação de informações – centro de Operação de

---

<sup>3</sup> Goubery do Couto e Silva, estudioso da Geopolítica e um dos arquitetos da Ideologia da Segurança Nacional.



Defesa Interna (Doi-Codi) . Essas duas siglas foram criadas para dizimar os grupos de esquerda no Brasil, de modo que em poucos anos esta meta estava alcançada.

Após o AI-5 em 1969, abriu-se a temporada de caça aos comunistas no país, as forças armadas, polícias e grupos para militares partiram para a guerra interna contra os opositores governamentais, os milicos, como eram depreciativamente conhecidos, radicalizaram com torturas, seqüestros, assassinatos, o caos foi legalizado tendo todo apoio do Estado, haja visto que eles eram o Estado, segundo JOFFILY

Ainda que lançando mão de meios irregulares, ilegais e quase sempre brutais, a Oban obteve êxito na sua missão. Em pouco tempo as organizações de esquerda foram sendo desarticuladas e destruídas uma a uma. (JOFFILY,2007:71).

Por fim, pode-se dizer que em 5 anos as Forças Armadas conseguiram acabar com seus inimigos, 1969 à 1974, o extermínio, torturas e perseguições terminaram com o extermínio do Araguaí, de modo que torna-se nítido como os milicos agiram; a força foi o principal investimento deles que conseguiram dismantelar a resistência revolucionária.

Outro artigo que será abordado é de REIS, Daniel Aarão. Classe operária, partido de quadros e revolução socialista. O itinerário da Política Operária – Polop (1961-1986). In FERREIRA, JORGE, REIS, Daniel Aarão (Org). Revolução e democracia 1964... Vol 3. 1ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp54-71.

No ensaio, REIS, conta toda trajetória da ORM-Polop desde suas primeiras reuniões em 1961, seus debates teóricos internos, as críticas ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), a dissidência do Rio Grande do Sul criando o Partido Operário Comunista (POC), a volta para tradicional sigla ORM-Polop e, por fim, o apoio da organização ao recente Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT) ambos fundados na década de 1980.

A Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (ORM – Polop) segundo REIS, tinha como principais teóricos Karl Marx, Rosa Luxemburgo e Vladimir Lênin, seu conceito básico era penetrar a classe operária para que assim a consciência de classe em si surgisse, com a consciência de classe para si os operários passariam a lutar pelos seus interesses e assim subverter a ordem burguesa, para REIS

Recorrendo a idéia formuladas por Karl Marx, Rosa Luxemburgo e Vladimir Lênin, trata-se, segundo os conceitos marxistas, de transformar o proletariado brasileiro de uma classe em si, ou seja, objetivamente existente, numa classe para si, dotada de consciência de seus interesses políticos e históricos. (REIS,2007:56)

A (ORM – Polop) construiu críticas ácidas ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e ao Partido Trabalhista Brasileiro(PTB), já que ambos defendiam uma aliança com a burguesia nacional brasileira, ou seja, não tinham uma postura revolucionária, em REIS

Em julho de 1960, esses grupos já se consideravam maduros o bastante para lançar uma convocatória para o primeiro congresso de um novo partido. As idéias-força presente teriam um longo fôlego na trajetória da Polop. Defesa intransigente de uma classe operária independente, organizada em torno dos próprios interesses, livre de tutelas do Estado e de alianças consideradas espúrias com a burguesia; condenação da política de colaboração de classe empreendida pelo PCB, PTB e PSB (...) (REIS,2007:56)



Além da crítica sobre a aliança com a burguesia, a organização defendia um sindicato livre sem peleguismo, afastando -se, portanto, do padrão petebista que ainda carregava o ranço do paternalismo getulista. A (ORM – Polop), foi pioneira rebelando-se contra o (PCB) e sua burocracia, ou seja, a primeira a defender a luta armada como saída para as injustiças sociais.

Devido os problemas que a Ditadura Militar promoveu: repressão e clandestinidade a PO como é chamada pelos velhos militantes resolveu recuar, segundo os ex- militantes o combate frontal não era favorável devido a conjuntura da época. A PO participou no campo teórico de forma brilhante produzindo diversas revistas tendo sempre o Marxismo-Leninismo como base, segundo REIS

No meio do tiroteio, ficou perdido o POC, dilacerado entre as propostas de penetração na classe operária e a dimensão espetacular das ações que , em certo momento, pareciam muito promissoras.(REIS,200:62).

Na fundação do (PT), Eric Sashs ou Ernesto Martins como também era conhecido, mentor da PO, mandou uma carta do exílio, na Alemanha dizendo que este seria o partido de massas e revolucionário do Brasil, a carta era dedicada aos militantes para que eles ajudassem na formação do partido, por isso, em REIS

Quando explodiram as greves de fins dos anos 1970, em ondas sucessivas – 1978,1979, 1980 -, a partir das periferias industriais de São Paulo, estendeu-se logo pelo país, Ernesto Martins, do exílio ainda em 1978, elaborou uma carta “Carta aos companheiros” (que estavam no Brasil).

Aconselhou-os a participar do processo de construção do Partido dos Trabalhadores (PT). Não se trata de se fundir, ou de se dissipar, no novo partido. Mesmo porque a PO não estava, como organização, superada. Mas o PT oferecia “um campo de ação inédito (...) tanto do ponto de vista do enraizamento quanto do da penetração”. (REIS, 2007:65)

Concluindo, a PO foi significativa no confronto contra o Regime Ditatorial, como pioneira assumiu posturas radicais criticando os antigos partidos, partindo para um debate radical e de rompimento. Atualmente a PO ainda pulsa com seus fies ex-militantes que atual nos diversos campos da produção intelectual brasileira.

## CONCLUSÃO

Finalizando, foi possível com esses mecanismos, ter uma idéia de como eram antagônicas as idéias dos Ditadores versos militantes, de maneira que pretendo abordar como era fazer a oposição naquela época tendo com suporte sempre a voz dos ex-militantes, pois eles viveram e sobreviveram aqueles abusos.

## BIBLIOGRAFIA

Arquidiocese de São Paulo. Brasil: Nunca Mais. Petrópolis: Vozes, 1985 BRASIL: NUNCA MAIS. Prefácio de Dom Paulo Evaristo Arns. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.



ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Por uma história da esquerda brasileira. Disponível em <http://www.ppghis.ifcs.ufrj.br/media/topoi5a14.pdf> . Acesso em: 02/12/2008.

BORGES, Nilson. A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares

Daniel Aarão (Org). Revolução e democracia 1964... Vol 3. 1ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp54-71.

DREIFUSS, René Armand. 1964 A Conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe, Petrópolis: Vozes, 1987.

FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de Almeida Neves organizadores (Org). O Brasil Republicano. O tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais.1ed Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp 14-41).

FERREIRA, Jorge. *Revolução e democracia – 1964...* Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura.* Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

GABEIRA, F. *O Que é Isso Companheiro?* Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1988.

HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1995.

JOFFILY, Mariana. Os homens do porão. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 3, N°27, pp70 - 73, dezembro 2007.

MIRANDA, Orlando, Fragmento de Memória da Polop na Bahia, In. JOSÉ, Emiliano, Galeria F Lembranças do Mar Cinzento Terceira Parte. Victor Meyer um Revolucionário, 1ed, São Paulo, Caros Amigos Editora, 20

REIS, Daniel Aarão. Classe operária, partido de quadros e revolução socialista. O itinerário da Política Operária – Polop (1961-1986). In FERREIRA, JORGE, REIS,

THOMPSON, P. *A voz do passado – História Oral*. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.